

Poemas Esparsos

Farol das Letras

19 de Novembro de 2006

Poema de uma despedida que o não é

Para os alunos do 12.º 07 do ano lectivo de 2002/03

Perdido num labirinto,
esgaravato com comoção
um monte imenso de palavras
na esperança de encontrar
apenas as que hão-de voar,
qual música de perfume divino,
um voo sublime, mágico e cristalino:
sonho inventado na candura das asas,
desejo meu de límpidas emoções.

Receio o vazio do que já nada diz
ao querer gravar a saudade
num fundo de negrume a pau de giz:
pulsar de um coração contrito
macerado pela dolência da nostalgia.

Resplandeçam de refulgente luz
mil pedaços de mim estilhaçados
e dispersos no tempo que me não pertence,
num gesto singelo de dádiva e puro amor,
por todas as estrelas que sinto com esplendor
no brilho das lágrimas escondidas
destes meus tristes e saudosos olhos.

Natal

Natal!
Meu fascínio!

Que importa quem nasceu?
Que importa se nasceu?
Porque é Natal, nasceu
E o nascimento me basta.

Não procuro na História,
Que, a história, eu a faço:
Meu milagre!
Meu milagre verdadeiro:
Doutrina que criou um Homem,
Um Homem de corpo inteiro.
Este milagre me basta,
Esta doutrina me guia
Mesmo sem um deus de guarida...

Esplendor,
Deslumbramento...
Luz que refulge humanidade...

Minha doutrina de verdade,
Estrela do meu firmamento,
Tu me embalaste no colo,
Eu me refugiei em teu seio.

Natal,
Meu fascínio,
Eu me prostro em teu altar,
Eu me alegre em teu hino!

Procuro
e não encontro nada.
E nada não é nada:
nada é tudo,
embora tudo
agora
seja nada.
Mas quando nada for tudo,
quero apenas tudo,
não quererei mais nada.

Outono em Junho

Já sinto a melancolia que se aproxima
e reabre a ferida que lateja em cada Junho que passa.
O Outono do professor é em Junho,
porque a Primavera desperta
com as primeiras chuvas de Setembro.
Num êxtase de vocação,
entrego-me às flores do meu jardim
que se me dão ao longo de nove meses.
Ainda não é chegado o momento de as colher
e, viçosas,
são já regadas com lágrimas de silêncio.
Quero dizer-lhes adeus
e o laço que nos une estrangula a palavra ainda não dita.
O pensamento divaga numa inércia irregular
que conduz sempre ao ponto de chegada
antes de cada partida.
Tão longe... e tão perto...
Tão efémero... e tão eterno...

Num voo solitário, a infância ao seu encontro
naquele ermo povoado tão distante de mim.
Perde-se o bucolismo dos simples na rudeza das serranias.
Por momentos, os olhos fechados numa vontade
acordada de prolongar o sonho da estrela da tarde.
E o olhar em baixo na vereda triste do passado
como se fosse feito no tear duma manta de retalhos.
A angústia além do sonho numa explosão sem desejo
qual balão eternamente insuflado nas mãos de uma criança.
A estrada atravessada no interior do meu grito
desperta uma fronteira sem olhar à assimetria
do sentir profundo naquele tempo menino
de querer descalço. Despido do que não fosse sonhar
o roncar dum motor não interrompe o chiar
arrastado dos animais de molhelhas na cabeça.

Parte inteira de meu ser,
meus olhos foram fontes,
e as lágrimas – estrelas cadentes –
estrelajaram de contentes
na expressão única de ser feliz:
um poema escrito para a minha filha.

Duas flores num jardim de Primavera

Entraste com teus pés de algodão
suave sobre a rama do silêncio.
A sala do sossego - agora a presença tímida e ousada
da criança que experimenta a resposta do adulto.
A tua carita dizia mais que todas as palavras.
Infantil, muito querida, de cabelos atirados para trás,
Reviraste os olhitos e, serena, perguntaste:
“Pai, achas que estou bonita?”
E o teu pai, mais que responder-te,
queria abraçar-te muito.
“Pai, esta flor é para ti.”
Naquele instante, não sabia o que era mais bonito:
se a camélia... se a tua carita... se as tuas palavras...
“Pai, esta flor é para ti.”
E o teu pai recebeu a flor
e colou um beijinho na conchilinha da tua mão.
“Obrigado, filha. És muito bonita
e eu gosto muito desta flor.”

Caminho suavemente na profundidade do teu sono
e baloiço nele o amor num poema para ti.
Num poema...
Como gostaria que fosse um poema a transbordar de amor...
A transbordar de amor em cada verso que escrevesse...
Um poema que tivesse um número infinito de versos
e que todos eles transbordassem de amor por dentro.
Não me cansaria nunca de os contar,
senão quando o amor espalhado em cada verso
me adormecesse na hipnose de um sonho...
De um sonho como aquele de que nasceu a flor
que é o nosso amor mais pequenino.
Queria que fosse um poema tão belo
como as flores das magnólias que desabrocham,
e que te lembrasses do poema
sempre que olhasses as magnólias...
As flores são tão belas e tão curta é a vida...
Que importa, se o gérmen do que é belo baloiça no infinito...
Caminho suavemente no poema do teu sono
e o amor com que termino é o mesmo com que comecei:
é apenas amor.

Grave e meiga
rugas lavradas ao tempo
miséria desnudada
na transparência de seus trapos.
Um coração aberto na palma da mão
singela em seu gesto de dádiva
ignorado à luz clara do meio-dia.
Gesto lento largo
repetido de tanta ternura à solta
naqueles olhos agora mais pequeninos.
Cada grão uma gota
alegria e dor suadas no milhal da vida.
Cada bicada um beijo
esvoaçado nas rugas lavradas ao tempo.
Mulher das pombas da minha rua.

Rio... rio... rio...
Fluxo louco,
mergulho na nascente da gargalhada,
porque rio de lágrimas
estrangulado na lama gretada
de um charco de estio,
mas rio...
Porque rio... rio...
Ainda rio...

A chuva apaga as lágrimas dos humildes
e o vento sussurra o desespero
de uma loucura que asfixia o ar que se respira;
as folhas perdem a cor do seu grito
e acenam em suave queda
como se quisessem prolongar um adeus.

Ah se o poema pudesse falar sobre o que o tempo é capaz...
À margem dos juízes, a palavra gritaria,
neste tempo e neste espaço, a sua marginalidade.
Não se entristeçam os marginais da presente seca,
que o rio vence as suas margens em tempo de fatura!

Projecções Líquidas

1.

Ei-la num desfile de sombras projectada inconstância
viagem de chuva interrompida por intervalos de memória.
As silhuetas reais em sublimação na irrealidade das formas
o tempo quedado no futuro sem réstia de brisa nos sentidos
e a palavra nuvem de gorjeios húmidos na cabeça
companheira modelo alada na circunstância do desejo.

2.

Duas margens na intimidade infinita das palavras
distantes na proximidade da essência da sua forma.
O rio Uterino de águas inconstantes embora
entre a massa cinzenta das suas margens
num movimento alternado de foz e de nascente
como se o nascimento das formas qual margem
na margem insensível dos sentidos se projectasse.

3.

Agora já passado. Terceiro andamento.
A partitura em projecção apenas um espelho hiperbólico
cristalizado na espuma láctea de uma onda em crista.
Movimentos oscilantes de batuta diante da clave e
recta a linha da semibreve diluída no compasso
das palavras desvanecidas nos intervalos de areias
molhadas.
Tudo um instante ignorado e infinito ponto final.

Poemas publicados em **Cultura e Arte** de *O Comércio do Porto*,
de 29/06/85, sob o pseudónimo de Helder Fião

Peregrinação

«Um galo sozinho não tece uma manhã»

João Cabral de Melo Neto

Um poeta sozinho no voo da palavra
pardal sem asas de bico cortado.
O canto aceso antes de nascer
e a emoção oblíqua entre o eu e o outro.
Cego na incandescência fugaz
de um fado não decantado
em bandos correndo os intervalos da chuva
num ir além sem voo para descanso.
E a estibordo um raio erguido de sentir
a sonoridade composta de sereias em bom bordo.
Sem ventos, sem rosas, os olhos perdem-se aqui
e mais além palavras peregrinas sedentas de sentido
achado no mundo transparente da criação irreal.
Peregrinação num voo com música de asas abertas.

Poema publicado em **Cultura e Arte** de **O Comércio do Porto**,
de 05/05/85, sob o pseudónimo de Helder Fião,
inserido numa homenagem a João Cabral de Melo Neto,
poeta e Cônsul do Brasil na cidade do Porto.

Trilogia

1.

Da necessidade de uma imagem pura
meu abandono no sossego deste espaço.
Espírito irracional
irresistível miragem ao ouvir Tchaikovsky.
A volúpia dos metais que lambem meus ouvidos
em graves e agudos de uma sensualidade trágica.
Cortejo de imagens
que desfilam harmoniosamente como as notas de Tchaikovsky
espalhadas na espiral rotativa do acetato.
Terrificante presença de tais imagens
como se fossem a verdade amarela de uma figura de cera.
E o meu sonho enlanguesce ao ouvir o tema de Romeu e Julieta.
Shakespeare ressuscitado com música dentro
ou a simbologia coreográfica do amor imortal.

2.

No palco marinho daquela noite
o diálogo sublime da música aqui presente.
Misterioso compasso em piano de ternura
carinho mimado na lírica do oboé
e no melancólico gemer do violino.
Na diferença do timbre a tolerância dos instrumentos.
Paixão ardente de duas notas.
Sopro de qualquer metal pouco importa
apenas o jeito dos lábios e da língua
em fortíssimo de jovialidade
e esplendoroso contraste de arabescos.
Grandiosidade de acordes desfalecidos
no brilho endiabrado da flauta
expressão heróica do encanto ingênuo
em crescendo até ao clímax
da virtuosidade colorida que se dilui.

3.

Desejo azul
ilimitada transparência suprema
trigo maduro da confiança.
Temo as palavras sem música dentro.
Da cinza
tudo apagado.
Oh sinfonia genésica!
De cítara as asas de pégaso
galopam nas veias do sentido.
Faz anos a flor silvestre
no cabelo raiado da vestal.
Cresce o fruto na seara do amor.

Poemas publicados em **Cultura e Arte** de *O Comércio do Porto*,
de 05/05/84, sob o pseudónimo de Helder Fião

Sonoridades do tempo e do desejo

1.

Foi o acordar prematuro de um sonho para viver
de olhos agora fechados pela inércia do silêncio.
Apenas um gesto num sussurro de lábios ainda colados.
Não foram precisas palavras. E as palavras
tomavam forma na vontade insaciada de serem ditas.
Em cada instante de entrega, humedecida loucura
como se o mundo fosse um desejo ausente de tudo,
e apenas um caminho se alargasse num leito
sem contornos de poema nu e os corpos se escrevessem
com amor até ao orgasmo olímpico das vestais.

2.

Suave a noite entra na memória
e apaga os fantasmas fixos do passado.
Agora apenas franjas do funéreo tempo. Os olhos
rasos de culpa serenaram e o pressentimento
satânico de não poder voltar atrás
morreu. O sol brilha
e o mundo grita desordenado, mas alegre.
Acendam-se velas e tome forma a chama sagrada
nas taças profanas da báquica aliança
que da réstia do passado apenas a metamorfose
das lágrimas, pérolas candentes
no ritual mágico de um arminho desejo.

3.

Sentado no tempo com tufos de melancolia
um movimento compassado de incerteza sem ritmo.
O pensamento emerge num sonambulismo sem contornos
na ansiedade de saber de si. A distância na ausência
e a imagem esbatida percorrem os caminhos desertos.
Apenas a presença longínqua de sonoridades endiabradas
e um sussurro ondeante lá longe onde o mar não recolhe o sol
interrompem o silêncio agora adormecido.
E a saudade a diluir-se numa vontade indefinida de ser triste.

Poemas publicados em **Cultura e Arte** de **O Comércio do Porto**,
de 20/10/84, sob o pseudónimo de Helder Fião

Pobre poeta quando as palavras o abandonam.
Com pena, o punho apenas lacera o poema
que gostava de ver gravado com pontas de fogo.
Nada resta - apenas o desassossego da solidão
que teima em não abandonar.
A chama é já mortiça
e apaga-se na cinza de palavras nunca ditas.
E a luz perde-se na imensidão do mar
que afoga a mais indelével vontade.
Porquê teimar contra a onda por salgar?
Houvesse ao menos um polvilho de sal
que espalhasse brancura nesta mancha de papel...
Ó poeta, eras tu a ressuscitar!

À luz ténue do silêncio,
procuro refúgio no tempo que se apagou:
uma caverna de tempo e mil palavras por contar.
Que razão louca me impele para ti,
tormento do sublime?
Ó vontade indómita de escrever,
um só verso me invada com tua chama
e se dilua a angústia de te perder.
Ó suprema magia... Ó lírica voz...
Tu és o meu fado... Tu és a minha cruz...

Sinto um tremor aflorar em meu corpo
numa estação de frio por anunciar.
Do outro lado da janela,
a paisagem embrenha-se veloz
na escuridão imensa dum pensamento fugidio
no comboio.
Oh que sensação estranha
esta que baloiça à flor de minha pele!
E a fuga do pensamento relampeja
não sei que cifrados desejos...
A lua é ausente
e uma claridade repartida
condensa um espasmo mal disfarçado...
Ignorado talvez
ou assumido na plenitude de uma saudade futura.

Na hipérbole do ruído, o abandono.
Olhos cansados de olharem a ausência.
Do outro ar, apenas uma nuvem
que se enrola,
enrola,
enrola...
como de neve uma bola
que rebola
rebola,
rebola...
e no frio da solidão se atola.
M I R A G E N S
SOLtas daquele pálido das gaivotas NU-
m voo renascido:
brilho aZUL com música dentro.

Memória da guerra

A memória remexe as marcas do passado
como se este apenas presente fosse
ou existisse para além de um qualquer sopro de tempo.
Foi a chuva mais a lama
recalcada pelas botas do desespero
sem caminho; o suor
lavado pelo baptismo do nublado celestial
e enxuto pelo bronze raiado e tórrido
dos quarenta e cinco graus à sombra;
instantes para engolir o medo
entre um gole de sede e um naco de fome.
Vezes sem conta.
Abatistes humilhados diante do homem sem alento
entre a insegurança do instante e a incerteza do depois.
E depois...
a certeza do incerto em cada sombra de nada
sem corpo.
Com corpo,
sem alma,
com saco cor de tropa sem poesia a tiracolo...
Apenas o chilreio dum passarinho num outro mundo
e o rastejar viperino e vil de repelente criatura.
Nas mãos,
punhais de ódio
a esmagar as sementes do pacífico desejo.
Sabia-se que seria o fim.
Não quando,
mas seria a primavera depois do inverno.
Com chá,
muito chá...
e morte à mistura
no meio de tanto chá...

E flores

a morrerem em cima da própria morte.
E Sintra
e Suíça
e piscina
que seria um tanque e não piscina,
mas piscina,
porque aquelas não seriam nem Sintra, nem Suíça...
Penas seriam... Paraísos distantes
que apenas vivem na memória do poema.
Foram noites e noites...
E o dia da noite a um instante do sonho...
Seja o poema o sonho do poeta acordado.

Falo com as palavras como se falasse comigo
e as palavras estão tão cansadas como eu.
Como sentinelas atentas,
escutamos como se ainda acreditássemos...
E de que vale acreditar?

Recordar um gesto que fosse...
Sentir apenas a espuma da madrugada
e naufragar nas vagas daquela noite sem porto.
Daquela voz, apenas um murmúrio
salgado pela presença de cristais de luz
e não de sódio.
Da presença sem corpo,
a perturbação somente da distância
de dois barcos inventados ao vento.
E este sopra e não apaga o desejo;
a brisa arde e o sangue pula,
cavalo nas veias de um mar imenso:
voluptuosidade e deslumbramento,
perfume volatilizado nas narinas do farol.

Escrevo asas que não existem
e sacudo o espaço à procura do sonho de teus olhos;
caminho na luz do teu universo;
imagino dedos agarrando o encanto do fugidio;
invento o perfume que tu derramas
e as mãos que afofem teu corpo sublime;
desenho a sensualidade dos lábios em tuas cerejas
e espalho o sémen nesta folha
acre de tanta brancura
para que só tu saibas;
deixo aqui teu hálito exalando rosas
que embriagam a vontade de mergulhar
no lago da tua intimidade.
Não quero sequer um sussurro...
Apenas a cumplicidade do silêncio
na plenitude de um encantamento sublimado.

É querer ajudar um amigo,
é dar de si o sono saciado numa almofada de papel,
é mergulhar a vontade numa aposta ganha
antes de começado o jogo,
é dizer não importa - porque gostou -,
é estender a mão num gesto de dádiva sem recompensa,
é permanecer vertical numa amizade que se estreita,
é, finalmente, um abraço de gratidão aqui presente.

Bebi uma noite inteira tua voz,
soprano de um mítico amor.
Meus braços estenderam-se ao sonho
de abraços dentro de mim
e meus dedos tocaram a aura suprema
de um aroma nascido de ti - em diluição
tua nudez era a transparência das bacantes
num acto de fuga permanente.
Oh sensação volátil!
Invenção e abandono - um só instante mais
pudesse eu penetrar-te
e apagar as marcas de um tempo inteiro.

Entrego-me à vontade de um amor intemporal.
Percorrem-me espasmos que se diluem
na velocidade sanguínea de um desejo mítico:
sensação resplandecente,
grito verdadeiro num instante ausente,
eco na profunda vacuidade.

Liberdade

Entre o instante de querer-te a meu lado
e o momento da realidade aqui sonhada,
apenas a presença de um desenho de Breytenbach:
algemas nas mãos que por ti recuso,
embuçada cabeça que não precisa de luz para te ver,
laço ao pescoço que não é a gravata que ainda uso,
como se o nó fosse o sinal duma vontade.
Nem a presença de um muro levantado tijolo a tijolo
separará o instante de querer-te a meu lado
do momento da realidade aqui sonhada.

1982